

## **Emmanuel Levinas: Uma introdução à sua trajetória filosófica\***

### **Emmanuel Levinas: An Introduction To Your Philosophical Path**

**Daniel Ribeiro de Almeida Chacon\*\***

#### **Resumo**

O presente artigo consiste em uma tentativa de apresentar o *Sitz im Leben* da reflexão levinasiana, ressaltando sua crítica à tradição filosófica ocidental, por meio de sua inspiração profética advinda da tradição hebraica. Destarte, é a partir dessa inspiração que Emmanuel Levinas criticará a tradição filosófica ocidental, propondo um novo caminho ético-filosófico para se refletir às relações humanas. Todavia, o esforço aqui despendido para traçar, em linhas gerais, o perfil intelectual de Emmanuel Levinas, em momento algum deve ser interpretado como uma tentativa de construir uma biografia exaustiva ou uma síntese filosófica deste influente mestre contemporâneo.

**Palavras-chave:** Levinas; ontologia; tradição hebraica.

#### **Abstract**

These article intents to present the *Sitz im Leben* of Levinasian reflection, emphasizing his criticism of the Western philosophical tradition, through its arising prophetic inspiration of the Hebrew tradition. Thus, it is from this inspiration that Emmanuel Levinas criticizes the Western philosophical tradition and proposes a new ethical-philosophical way to reflect human relationships. However, the effort expended here to trace, in general, the intellectual profile of Emmanuel Levinas, at no time should be

---

\* Artigo enviado em 27/11/2014 e aprovado para publicação em 25/05/2015.

\*\* Mestrando em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (bolsista pela CAPES); Especialista em Ciências da Religião e em Educação (Inspeção Escolar e Supervisão Escolar) e Licenciado em Pedagogia, ambos pela Faculdade de Educação e Tecnologia - Fetremis; Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília; Bacharelado em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (FATE-BH)

interpreted as an attempt to build a exhaustive biography or a philosophical synthesis of this influential contemporary master.

**KEYWORDS:** Levinas; ontology; Hebrew tradition.

## INTRODUÇÃO

Emmanuel Levinas questiona radicalmente a tradição da filosofia ocidental ao atribuir a ontologia como primazia do saber. Expressa na máxima da maiêutica socrática, “conhece-te a ti mesmo”, a tradição filosófica de vertente grega estabeleceu o eu como ideal regulador do conhecimento, negando, desta forma, a irrupção do conhecimento a partir das relações humanas<sup>1</sup>. À vista disso, Emmanuel Levinas, a partir da inspiração profética advinda da tradição hebraica, irá criticar a tradição filosófica ocidental, propondo um novo caminho ético- filosófico para se refletir às relações humanas.

O esforço aqui despendido para traçar, em linhas gerais, o perfil intelectual de Emmanuel Levinas, em momento algum deve ser interpretado como uma tentativa de construir uma biografia exaustiva ou uma síntese filosófica deste influente mestre contemporâneo. O objetivo aqui proposto é apresentar a gênese da reflexão levinasiana a partir de seu *Sitz im Leben*<sup>2</sup>. Ainda, o método utilizado neste labor acadêmico é a revisão bibliográfica.

### 1. Infância e Juventude

Emmanuel Levinas nasceu em 12 de janeiro de 1906<sup>3</sup> em Kovno na Lituânia, país da Europa Setentrional. O anti-semitismo em Kovno parecia ser mais moderado do que em outros países da Europa<sup>4</sup>. Essa condição torna-se especialmente relevante face à origem judaica de sua família.

Levinas foi criado em uma família pertencente a uma linha judaica conhecida como *mithnagued*. Essa perspectiva judaica surgiu a partir da experiência de interpretação talmúdica<sup>5</sup> em oposição ao *chassidismo*, que considerava o sentimento religioso e a oração espontânea superior ao ritualismo judaico e aos estudos talmúdicos<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Cf. GODOY, 2004, p. 71.

<sup>2</sup> Para a construção deste esboço biográfico o autor utilizou-se da entrevista concedida por Emmanuel Levinas a François Poirié e das pesquisas realizadas por especialistas em Levinas como Ulpiano Vazquez Moro, B. C. Hutchens, René Bucks, Nilo Ribeiro, Márcio Luís Costa, Nélio Vieira de Melo, dentre outros.

<sup>3</sup> Em virtude da diferença existente no calendário lituano, Levinas afirma ter nascido dia 30 de dezembro, afirmação que se faz relevante devido à concepção “diacrônica” que Levinas possui de tempo (Cf. HUTCHENS, 2007, p. 19).

<sup>4</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 18.

<sup>5</sup> *Talmud* significa ensinamento. É uma extensa coletânea de textos acrescidos de comentários e comentários dos comentários da Lei mosaica (Cf. Ibidem, p. 193).

<sup>6</sup> *Mithnagued* = oposição. *Chassid* = piedoso (Cf. Ibidem p. 18).

A partir dos seis anos, Emmanuel Levinas iniciou seus estudos hebraicos, descobrindo o espírito do judaísmo lituânio, conhecido pelo caráter dialético do pensamento rabínico, guardião de uma extensa tradição hermenêutica de interpretações de interpretações talmúdicadas, expresso especialmente pelo conspícuo talmudista lituano Gaon de Vilna<sup>7</sup>.

Quando se pronuncia a palavra Lituânia, talvez não se saiba que ela designa uma das partes dessa Europa Oriental, onde o judaísmo conheceu seu mais elevado desenvolvimento espiritual: o nível do estudo talmúdico era muito elevado, e havia toda uma vida baseada nesse estudo e vivida como estudo<sup>8</sup>.

O enorme fascínio ao saber possuído por Levinas pode ter sido influência de seu pai que era livreiro. Além da livraria de literatura russa, sua família possuía uma pequena propriedade rural. Destarte, o futuro filósofo ocupava seu lugar social na pequena burguesia de Kovno, onde a comunidade judaica desfrutava de uma relativa prosperidade<sup>9</sup>.

Além da educação judaica que recebera de sua família, Levinas cresceu sob a influência da cultura russa. É nesse contexto bilíngue — russo e hebraico — que Levinas foi criado.

A geração de meus pais, tendo recebido, ao mesmo tempo, essa cultura e continuado iniciar a juventude no hebraico, via o futuro dos jovens na língua e na cultura russas.<sup>10</sup>

Com o início da Primeira Guerra Mundial e a invasão em 1915 dos alemães na cidade de Kovno, a família de Levinas foi obrigada a vivenciar o fatídico destino dos refugiados judeus em Kharkov, na Ucrânia, sobrevivendo devido ao pequeno patrimônio que possuía<sup>11</sup>.

Instalado nessa cidade e a espera do fim da guerra, Levinas iniciou o liceu clássico, onde entrou em contato com os poetas e os romancistas russos como Dostoievski, Púnschkin, Gógol e Tolstoi. Em sua formação escolar, ele teve que superar o aviltante destino de ser um judeu refugiado, concorrendo a umas das poucas vagas destinadas aos judeus no ginásio ucraniano<sup>12</sup>.

Outro evento singular ocorrido durante o refúgio de Levinas, ainda na juventude, foi a Revolução Russa de 1917. Levinas afirma não ter sido indiferente à revolução leninista, ainda que não tenha sido concretamente um militante<sup>13</sup>.

O regresso para a Lituânia, em 1920, significou para Levinas o início de uma etapa de muita inquietação. O clima antissemita da contrarrevolução russa e o comunismo antirreligioso já haviam conduzido diversos judeus à Europa Ocidental. De forma semelhante, em 1923,

<sup>7</sup> Cf. LEVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 53.

<sup>8</sup> LEVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 52-53.

<sup>9</sup> Cf. LEVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 53.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>11</sup> Cf. HUTCHENS, 2007, p. 19.

<sup>12</sup> Cf. RIBEIRO JUNIOR, 2005, p. 28.

<sup>13</sup> Cf. LEVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 56.

Emmanuel Levinas parte para a cidade alsaciana de Estrasburgo na França, com o intuito de iniciar seus estudos no campo filosófico<sup>14</sup>.

## 2. A "Iniciação Filosófica" no "Exílio"

A experiência do êxodo na Europa Ocidental foi decisiva para a construção da reflexão filosófica de Emmanuel Levinas. Durante esse tempo, o ambiente filosófico em Estrasburgo era fortemente influenciado pelos pensamentos de Durkheim e Bergson<sup>15</sup>.

A sensibilidade desenvolvida por Levinas para o social e sua convicção de que a metafísica funda suas raízes nas relações sociais, constituem evidências claras da dívida que possui para com o pensamento sociológico durkheimiano<sup>16</sup>. É por meio do pensamento sociológico que a reflexão levinasiana encontra uma abertura na filosofia para a dimensão do social: "não acredito que a filosofia pura possa ser pura sem ir ao problema social"<sup>17</sup>.

A respeito da influência de Bergson, pode-se destacar, a compreensão de tempo como duração e seu questionamento da noção de "ser", que posteriormente fundamentarão categorias da filosofia levinasiana, tais como: tempo como "diacronia" e "meta-física" como "diferentemente de ser, de não-ser e de saber"<sup>18</sup>.

No final da licenciatura, Levinas foi introduzido à fenomenologia por seu professor, o teólogo protestante, J. Hering. O estudo da obra *Investigações Lógicas*, de Husserl, lhe mostrou um novo método de reflexão. O estudo da fenomenologia tornou-se o ponto de partida da reflexão levinasiana.

O método utilizado por Levinas não é um raciocínio indutivo ou dedutivo, nem uma dialética, mas a fenomenologia como cuidadosa investigação e explicitação do sentido que vivenciamos ao lidar com a realidade<sup>19</sup>.

Em 1928, Levinas parte para Friburgo-Brisgau, na Alemanha, com o intuito de participar de seminários ministrados por Husserl e de cursos oferecidos por Heidegger. Ao longo desse período a percepção de como o método husserliano foi genialmente transformado por Heidegger despertou tal interesse em Levinas que todo seu labor filosófico pode ser compreendido como uma tentativa de repensar as questões básicas elaboradas por Heidegger<sup>20</sup>.

De volta a Estrasburgo, Levinas escreveu sua tese de doutorado intitulada *A Teoria da Intuição na Fenomenologia de Husserl*, visando

<sup>14</sup> Cf. LEVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 58 - 61.

<sup>15</sup> Cf. SOUZA, 1999, p. 26.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>17</sup> LEVINAS apud SOUZA 1999, p. 26.

<sup>18</sup> Cf. LEVINAS apud POIRIÉ 2007, p. 62.

<sup>19</sup> BUCKS, 1997, p. 63.

<sup>20</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 71 - 72.

apresentar a perspectiva husserliana da intuição no contexto da fenomenologia, a partir de um foco heideggeriano<sup>21</sup>. E, juntamente com Mlle. Peiffer, realizou a tradução para o francês da obra *Meditações Cartesianas*, de Edmund Husserl.

Durante essa época, Emmanuel Levinas obteve a nacionalidade francesa, e casou-se com Cerisy La Salle, estabelecendo sua residência em Paris<sup>22</sup>, cidade que o abrigará até sua morte em 25 de dezembro de 1995<sup>23</sup>.

### 3. O Tempo da Guerra

Como cidadão francês habilitado para o serviço militar, Emmanuel Levinas foi convocado às tropas no início da Segunda Guerra Mundial em 1939. Sua função era ser intérprete da língua russa. Mas não demorou muito e, em 1940, foi feito prisioneiro dos alemães juntamente com outros soldados, em Rennes, durante a ocupação da França. Tempos depois, foi transferido para cidade de Hannover, na Alemanha, onde permaneceu no campo de concentração de Stammlager, como prisioneiro de guerra<sup>24</sup>.

Logo fui restringido a uma condição especial: judeu declarado, mas, pela farda, poupado da deportação, fui reagrupado junto com outros judeus num comando especial<sup>25</sup>.

Os cinco anos de cativo que se seguiram foram de intensa leitura e meditação. Durante esse tempo, Levinas escreveu grande parte de seu genial livro *Da existência ao existente*, que contém uma série de diálogos de temas filosóficos considerados bases do modo de ser e pensar do Ocidente moderno<sup>26</sup>.

Durante o período de cativo, Emmanuel Levinas vivenciou a acerbidade da segregação antissemítica, vendo seus irmãos de raça serem torturados e assassinados. Ele experimentou a angústia causada pela distância e pela falta de notícias de seus familiares, que foram fatidicamente exterminados pelos nazistas, com exceção apenas de sua esposa e filha, salvas graças à intervenção de um amigo e pela ajuda das Irmãs de São Vicente de Paulo<sup>27</sup>.

Ao término da guerra os soldados norte-americanos libertaram os prisioneiros dos campos de concentração e Levinas foi repatriado. De volta a Paris, retomou suas atividades pedagógicas, tornando-se um regular

<sup>21</sup> Cf. LEVINAS apud POIRIÉ 2007, p. 70 - 71.

<sup>22</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 21.

<sup>23</sup> Cf. HUTCHENS, 2007, p. 9.

<sup>24</sup> Cf. LEVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 74-75.

<sup>25</sup> LEVINAS apud BUCKS, 1997, p. 23.

<sup>26</sup> Cf. COSTA, 2000, p. 41.

<sup>27</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 23.

conferencista do *Collège Philosophie* e assumindo o cargo de diretor da Escola Normal Israelita de Paris até 1961<sup>28</sup>.

A avaral experiência do cativo marcou uma ruptura profunda no pensar e no sentir de Levinas. Sua reflexão pós-guerra constitui um eminente indicador da relação intrínseca existente entre sua vida e o judaísmo, e da identificação de ambos com o labor filosófico, a qual se dedicará não apenas como “judeu filósofo”, mas essencialmente como “filósofo judeu”<sup>29</sup>.

## 4. O Projeto Filosófico Pessoal

### 4.1 Caracterização

A Filosofia ocidental desde sua origem é caracterizada por uma busca racional e metódica dos princípios básicos da vida e do universo, por meio de um olhar para dentro de si mesmo e para o mundo, à procura de valores que possam atribuir significado à vida.

Nesta busca contínua, o conhecimento por meio da reflexão assumiu o papel central de toda filosofia ocidental. Destarte, ao longo da tradição filosófica o conhecimento direcionou-se para uma busca da totalidade dos objetos. Na perspectiva levinasiana essa busca pela totalidade constitui-se como uma racionalização das formas de opressão.

Levinas critica o discurso totalizante por este excluir o confronto, a valorização da diversidade e das particularidades, com o intuito de aumentar o poder de racionalização.

Em sua proficiente reflexão, Emmanuel Levinas busca desconstruir as estruturas lógicas totalizantes das tradições filosóficas, questionando o *status* da ontologia<sup>30</sup> como filosofia primeira e a primazia do conceito de “ser”, propondo em contrapartida a ética como filosofia primeira.

A ética levinasiana se propõe a repensar a relação com o outro. Esta relação não se submete ao discurso totalizante da ontologia, mas se abre para a beleza da diferença do outro, estabelecendo assim uma relação “não-alérgica” com a alteridade, pois, na perspectiva levinasiana, a ontologia nega a alteridade em sua tentativa desenfreada de transformar as coisas em conceito.

Sua reflexão consiste em uma substituição da primazia da ontologia, que se constitui como uma filosofia do Poder, do Mesmo, da Totalidade por uma filosofia do Outro, da Transcendência, uma filosofia essencialmente ética. Mas o que Levinas compreende por ética? É

<sup>28</sup> Cf. SOUZA, 1999, p. 46.

<sup>29</sup> Cf. VÁZQUEZ, 1982, p. 53.

<sup>30</sup> Em sua definição de ontologia Levinas postula: “A teoria, como inteligência dos seres, convém o título geral de ontologia. A ontologia que retorna o Outro ao Mesmo, promove a liberdade que é a identificação do Mesmo, que se deixa alienar pelo Outro”. (LEVINAS apud COSTA 1998, p. 119) É necessário ponderar que o questionamento de Levinas a ontologia não se constitui com uma rejeição arbitrária da mesma. Seu questionamento gira em torno da problematização da primazia desta em detrimento da ética (Cf. VÁZQUEZ 1982, p. 63).

necessário postular, *a priori*, que Levinas não compreende a ética como um sistema de critérios para prática moral. Para ele a ética é essencialmente “Responsabilidade pelo Outro”.

Nós pensamos que primordialmente ética significa a obrigação perante o Outro, que nos leva a lei e ao serviço gratuito que não é um princípio técnico.

(...)

Nós chamamos ética uma relação entre termos onde um e outro não estão unidos nem por uma síntese de entendimento, nem por uma relação sujeito e objeto e onde, no entanto, um pesa ou importa ou é significativo em relação ao outro, onde estão ligados por uma intriga que o saber não pode esgotar nem desdobrar<sup>31</sup>.

Levinas, tal como Kierkegaard e os existencialistas, se opõe às tentativas de se enclausurar a realidade em um sistema lógico. Ele considera como uma violência filosófica a tentativa de tornar o todo da experiência em uma perspectiva inteligível<sup>32</sup>.

Consequentemente, ele cria em seus escritos jogos textuais envolventes, que mantêm o leitor desorientado sempre que este considera ter alcançado um poder de compreensão do texto aparentemente infalível<sup>33</sup>. Dissertando acerca da complexidade conceitual e da dificuldade de compreensão da reflexão levinasiana, Hutchens postula que “estar perdido em um texto levinasiano é uma condição necessária para a compreensão final”<sup>34</sup>.

Acerca da caracterização da literatura levinasiana, Vázquez sugere que esta pode ser dividida em uma parte filosófica e uma parte sobre o judaísmo. A parte filosófica pode ser subdividida em estudos sobre algum filósofo e em seu projeto filosófico pessoal. De forma semelhante, a parte sobre o judaísmo pode ser subdividida em ensaios sobre o judaísmo e em seus estudos talmúdicos<sup>35</sup>.

Apesar da homogeneidade de seus escritos, não é tarefa simples esboçar uma síntese de sua filosofia. Contudo, existem dois textos que servem como referenciais para investigação da filosofia levinasiana. As Obras *Totalidade e Infinito* e *Outro que Ser ou para Além da Essência*<sup>36</sup>.

A primeira é indubitavelmente a principal obra do autor. Nesta obra clássica, Levinas, demonstra como a filosofia em Hegel, Husserl e especialmente em Heidegger conduz a uma ontologia que se constitui em uma totalidade egoísta do Mesmo. Ele propõe a destotalização do Mesmo e a proclamação da alteridade, que se faz vestígio do Infinito no Rosto do Outro. Nesta obra, Levinas conduz o leitor a um *insight* de sua principal tese: a ética como filosofia primeira.

<sup>31</sup> LEVINAS apud BUCKS, 1997, p. 23.

<sup>32</sup> BUCKS, 1997, p. 29.

<sup>33</sup> Cf. HUTCHENS, 2007, p. 11.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>35</sup> Cf. VÁZQUEZ 1982, p. 54-55.

<sup>36</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 29.

O estabelecimento do primado da ética, isto é, da relação de homem a homem – significação, ensino, justiça – primado de uma estrutura irreduzível na qual se apoiam todas as outras (e, em particular, todos os que, de uma maneira original, estético ou ontológico, é dos objetivos da presente obra)<sup>37</sup>.

A segunda obra é considerada como a mais madura do autor. Nela, Levinas retoma o temário de *Totalidade e Infinito* e o aprofunda ainda mais, em uma tentativa de superar a linguagem ontológica ainda presente em *Totalidade e Infinito*<sup>38</sup>.

## 4. 2 Periodização

A reflexão levinasiana pode ser dividida em três períodos<sup>39</sup>. O primeiro período ou período ontológico corresponde aos escritos de 1929 a 1951. Nesse período, Levinas constrói uma análise exegética da Fenomenologia de Edmund Husserl e Martin Heidegger.

Tal como a filosofia de Heidegger é uma tentativa de superar a metafísica, a filosofia de Levinas pode ser compreendida, segundo postula Bucks, como uma tentativa de superar a ontologia<sup>40</sup>. Na perspectiva levinasiana, o interesse de Heidegger na relação ser/ente culminou em um “esquecimento do Outro”<sup>41</sup>.

Para Levinas a filosofia ocidental nunca conseguir ir para “além do ser”, permanecendo sempre aprisionada no dogma ontológico. Diante de tal compreensão, Levinas propõe uma “evasão do ser”<sup>42</sup> como uma alternativa ao discurso ontológico. Essa alternativa se configurará como o principal tema do primeiro período<sup>43</sup>.

Entre as principais publicações desse período estão: sua tese de doutorado publicada em 1930 sob o título *A Teoria da Intuição na Fenomenologia de Husserl*; a tradução do livro *Meditações Cartesianas*, de Edmund Husserl, em 1931; *Da Evasão*, ensaio publicado em 1935; *Da Existência ao Existente*, publicado em 1947; *O Tempo e o Outro*, publicado em 1948, e *Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger*, texto publicado em 1949, que reúne trabalhos dedicados aos dois filósofos. Partindo de uma análise teológica desse período, é válido postular que esse momento da reflexão levinasiana se caracteriza por um “silêncio acerca de Deus” que se findará apenas no segundo período<sup>44</sup>.

<sup>37</sup> LEVINAS, 2000, p. 31.

<sup>38</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 29.

<sup>39</sup> Atualmente existem três tendências para a periodização da reflexão levinasiana. A proposta de Vázquez Moro, adotada nesta investigação, que delimita três períodos da reflexão levinasiana, tomando por base a irrupção das novidades filosóficas que surgem dos escritos de Levinas. A periodização adotada por Strasser que, apesar de sua similaridade com a proposta supracitada, não considera os escritos anteriores a 1947 como partes do primeiro período. E, por fim, a periodização sugerida por Petrosino, que propõe um quarto período da reflexão levinasiana por considerar como novidade filosófica as temáticas desenvolvidas depois de *Outro que Ser ou para além da Essência* (Cf. RIBEIRO JUNIOR, 2005, p. 18).

<sup>40</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 82.

<sup>41</sup> Cf. RIBEIRO JUNIOR, 2005, p. 72.

<sup>42</sup> Para Levinas a evasão do ser consiste em “ocupar-se do outro, e de seu sofrimento e de sua morte, antes de ocupar-se de sua própria morte” (LEVINAS apud POIRIÉ 2007, p. 62).

<sup>43</sup> Cf. RIBEIRO JUNIOR, 2005, p. 28.

<sup>44</sup> Cf. RIBEIRO JUNIOR, 2005, p. 23.



O segundo período ou período metafísico corresponde aos escritos de 1952 a 1964. Essa fase é caracterizada pela ruptura com a ontologia através da metafísica, compreendida como relação ética. Para a abordagem levinasiana a metafísica encontra seu real sentido e significação nesta relação: "A metafísica tem lugar nas relações éticas. Sem a sua significação tirada da ética, os conceitos teológicos permanecem quadros vazios e formais"<sup>45</sup>.

As obras de referência publicadas nesse período são: *Totalidade e Infinito*, publicada em 1961, e *Difícil Liberdade — Ensaio sobre o Judaísmo*, publicada em 1963. Ainda nessa época, Levinas publica uma série de quatro estudos, iniciados ainda no período anterior, sobre Husserl e Heidegger. Nestas quatro publicações, Levinas constrói um diálogo menos exegético e mais crítico com estes fenomenólogos<sup>46</sup>.

Além de Husserl e Heidegger, Levinas dedicou-se a pesquisar autores como M. Proust, M. Leyris, B. Spinoza, S. Kierkegaard, F. Rozenzweig, M. Buber, J. Wahl e M. Blanchot. Esses estudos foram reunidos e publicados, em 1975, na obra *Nomes Próprios*<sup>47</sup>. Partindo de um análise teológica, pode-se constatar que esse período é caracterizado pela compreensão de que Deus se revela no contato-proximidade com o Rosto do Outro<sup>48</sup>.

O terceiro período ou período ético corresponde aos escritos de 1964 a 1995. Levinas empreende, nesse tempo, uma tentativa de superar a linguagem ontológica, presente ainda em seus escritos, para anunciar definitivamente sua proposta de "evasão do ser". O Outro que anteriormente era compreendido como Rosto, agora é Outro enquanto Linguagem<sup>49</sup>.

Essa fase é o momento de maior produção literária levinasiana. Entre as principais obras filosóficas desse período, podem-se destacar: *Humanismo do Outro Homem*, publicada em 1972; *Outro que Ser ou para além da Essência*, publicada em 1974; *Deus e a filosofia*, publicada em 1975; *Ética e Infinito* e *Ética como Filosofia Primeira*, publicadas em 1982; *Transcendência e Inteligibilidade*, publicada em 1986, e *De Deus que vem à Ideia*.

Entre os principais escritos de exegese bíblico-talmúdica dessa época, destacam-se: *Quatro Leituras Talmúdicas*, publicado em 1968; *Do Sagrado ao Santo* publicado em 1977 e *Além do Verso*, publicado em 1982.

A extensa produção literária testifica a seriedade com que Emmanuel Levinas se dedicou à pesquisa científica, quer no âmbito da reflexão filosófica propriamente dita, quer no âmbito teológico da exegese bíblico-talmúdica.

<sup>45</sup> LEVINAS, 2000, p. 31.

<sup>46</sup> Cf. VÁZQUEZ 1982, p. 55-56.

<sup>47</sup> Cf. Ibidem, p. 55-56.

<sup>48</sup> Cf. RIBEIRO JUNIOR, 2005, p. 23.

<sup>49</sup> Cf. Ibidem, p. 23.

## 5. Jerusalém interpela Atenas

Levinas afirma, amiúde, principalmente após *Totalidade e Infinito*, que sua investigação consiste essencialmente em uma reflexão filosófica e não em uma formulação puramente teológica ou uma reflexão meramente empírica, como acusam seus críticos<sup>50</sup>.

Entretanto, sua proposta de proceder a uma investigação para o além da essência culminou, em seus últimos escritos, com a identificação de Deus como esse "mais além". Levinas parte do pressuposto de que a filosofia e a teologia não são termos excludentes. Ao contrário, ele considera que a grande tarefa da filosofia consiste em "escutar Deus"<sup>51</sup>.

Com efeito, a partir da linguagem filosófica, Levinas procura transmitir a mensagem bíblica de Israel para o mundo contemporâneo<sup>52</sup>. Ele pretende

[...] procurar um acesso ao judaísmo, e mesmo à religião em geral, que fosse possível ao homem de hoje, que passou pela crítica filosófica, sociológica, histórica, que vê como suspeito o realismo ingênuo dos fiéis<sup>53</sup>.

Levinas procura estabelecer uma abordagem para o problema religioso da relação do ser humano com Deus, que não conduza a uma alienação e a uma desvalorização do mundo, como ocorre no dualismo platônico. A abordagem levinasiana visa demonstrar a importância do religioso na vida como um todo<sup>54</sup>.

Destarte, Levinas se propôs a pensar a relação entre o ético-religioso e o transcendente. Sua reflexão consiste essencialmente em refletir Deus na relação com o Outro.

Em todo seu labor, Emmanuel Levinas compreendeu a filosofia como testemunho profético. Ele define a filosofia não como "amor à sabedoria", mas como "sabedoria de amar", ou seja, para Levinas, a filosofia é primariamente responsabilidade pelo outro e não conhecimento que torna o sujeito em objeto. Destarte, a filosofia levinasiana é o amor de Jerusalém interpelando a sabedoria de Atenas<sup>55</sup>.

## 6. A Luta com o Anjo

A profícua reflexão levinasiana está intrinsecamente ligada ao destino do povo judeu. O texto bíblico que relata a luta de Jacó com um anjo expressa a relação do judaísmo moderno e contemporâneo com o racionalismo<sup>56</sup>:

<sup>50</sup> Cf. VÁZQUEZ 1982, p. 59.

<sup>51</sup> Cf. Ibidem, p. 59.

<sup>52</sup> Segundo a tese proposta por Bucks (Cf. BUCKS, 1997, p. 93).

<sup>53</sup> LEVINAS apud BUCKS, 1997, p. 60.

<sup>54</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 33.

<sup>55</sup> Cf. RABINOVICH apud COSTA, 2000, p. 18.

<sup>56</sup> A relação aqui estabelecida é baseada na analogia realizada por René Bucks (Cf. BUCKS, 1997, p. 13-16).

Naquela noite Jacó levantou-se, tomou suas mulheres, suas duas servas e seus onze filhos para atravessar o lugar de passagem do Jaboque. Depois de havê-los feito atravessar o ribeiro, fez passar também o que possuía. E Jacó ficou sozinho. Então veio um homem que se pôs a lutar como ele até o amanhecer. Quando o homem viu que não poderia dominá-lo, tocou na articulação da coxa de Jacó, de forma que lhe deslocou a coxa, enquanto lutavam. Então o homem disse: Deixe-me ir, pois o dia já desponta. Mas Jacó respondeu: Não te deixarei ir, a não ser que me abençoes. O homem lhe perguntou: Qual é o seu nome? Jacó, respondeu ele. Então disse o homem: Seu nome não será mais Jacó, mas sim Israel, porque você lutou com Deus e com homens e venceu. Proseguiu Jacó: Peço-te que digas o teu nome. Mas ele respondeu: Por que pergunta o meu nome? E o abençoou ali. Jacó chamou àquele lugar Peniel, pois disse: Vi a Deus face a face e, todavia minha vida foi poupada<sup>57</sup>.

A expressão convicta da religiosidade do povo judeu os colocou durante séculos, de certa forma, à margem dos pensamentos filosóficos e culturais predominantes ao longo da história. À vista disso, Levinas afirmou que “ser judeu plenamente consciente, cristão plenamente consciente, socialista plenamente consciente é sempre estar deslocado do ser”<sup>58</sup>.

A partir do Iluminismo, os judeus começaram a assimilar a “sabedoria das nações” em uma tentativa de superar o assim considerado “atraso cultural” em que viviam. Surge, então, uma tentativa de retirar o judaísmo dos “guetos” integrando-o as demais culturas<sup>59</sup>. É nesse período da história moderna que surge o filósofo holandês Baruch Espinosa<sup>60</sup>, judeu proeminente que tentou conciliar a mensagem bíblica com as ideias iluministas através do método histórico-crítico<sup>61</sup>. A ideia proposta por Espinosa do *Deus sive natura*, que compreende a criação a partir de uma perspectiva panteísta é uma expressão proficiente dessa tentativa<sup>62</sup>.

Ao longo da história, de forma semelhante à Espinosa, judeus intelectuais como Jehuda Halévi, Maimônides, Moisés Mendelssohn esforçaram-se para tornarem a fé judaica racionalmente aceitável. Mas, o fato mais marcante para o judaísmo ocorreu após a Revolução Francesa, quando em 1791 a Assembleia Nacional Francesa concedeu plena cidadania aos judeus, através do estabelecimento da prática da tolerância

<sup>57</sup> Gênesis 32. 24-32.

<sup>58</sup> LEVINAS apud BUCKS 1997, p. 14.

<sup>59</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 38-41.

<sup>60</sup> Existem três estudos específicos de Levinas sobre Baruch Espinosa: *Le cas Spinoza* (1955), *Avez-vous relu Baruch?* (1966) e *L'arrière-plan de Spinoza* (1979). Levinas critica Espinosa acusando-o de judeu infiel, por atribuir o mesmo grau de autoridade do Antigo Testamento ao Novo Testamento. Levinas também critica o método histórico-crítico de interpretação bíblica utilizado por Espinosa. (Cf. BUCKS, 1997, p. 39).

<sup>61</sup> Segundo Levinas este método retira a santidade da Torá, tratando-a como mero documento histórico ou como peça arqueológica de tempos remotos. Levinas afirma que o método histórico-crítico “fala dos textos em vez de fazê-los falar e transmitir sua mensagem” (LEVINAS apud BUCKS 1997, p. 40).

<sup>62</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 39.

religiosa. A partir de então, os judeus procuraram com afincos se identificar em tudo com as demais culturas de seus concidadãos<sup>63</sup>.

A luta que Jacó realizou contra o anjo é um símbolo da luta secular dos judeus. Israel luta contra o racionalismo que, para Levinas, reduz a identidade do indivíduo a um mero funcionalismo histórico<sup>64</sup>. O racionalismo é designado por Levinas como "a tentação da tentação"<sup>65</sup>: "Quando para as revelações privilegiadas os sinos são dobrados pela razão, acaso ela não atrai como o canto das sereias?"<sup>66</sup>

Segundo Bucks, a figura do anjo é extremamente ambígua, podendo ser um guardião da vida ou um tentador que conduz à morte. De forma semelhante, o racionalismo buscou superar diversos males, entretanto, a mentalidade racionalista estabeleceu outros males como a tentativa de neutralizar e nivelar todas as formas de particularismo culturais, fazendo vítimas por sua total indiferença ao particular e ao considerar a própria identidade do ser humano como mera função da história<sup>67</sup>.

A razão é uma faca de dois gumes: ela serve para superar os males, mas poderá assim mesmo gerar outros. Ela é como o sol do meio-dia, que apaga todas as sombras. Onde ela reina, até a interioridade da pessoa se dissolve. Ela gera o homem unidimensional, entregue às leis universais da racionalidade que vai traçando percurso pela história. A pessoa moderna sacrifica a própria unicidade e a das outras sobre o altar da razão<sup>68</sup>.

Para a racionalidade ocidental tudo deve ser conhecido, sistematizado, analisado e, tudo que não pode ser ordenado e manipulado racionalmente é considerado como um mau presságio ou algo inexoravelmente irrelevante. O racionalismo busca tornar racionalmente inteligível o passado, o futuro, as tradições culturais não-ocidentais e o próprio ser de Deus, tornando-o apenas em um ser entre seres<sup>69</sup>.

Para Levinas, o genocídio racionalmente realizado e executado na Segunda Guerra Mundial não é produto de uma contingência histórica ou acidente ocidental, mas sim uma consequência clara da racionalidade filosófica e científica totalitária, que reduz o individual, o particular, o diferente, o Outro ao Mesmo. Ou seja, na perspectiva levinasiana, o racionalismo é cúmplice do crime de Auschwitz. Destarte, Levinas levanta uma questão de caráter essencialmente teológico: A racionalidade produtora de tais malefícios é capaz de ser porta voz da mensagem bíblica?<sup>70</sup>

Em seu itinerário filosófico, Levinas combate as tentativas de generalizações superficiais que buscam neutralizar a realidade e abolir a alteridade dos outros e do absolutamente Outro.

<sup>63</sup> Cf. *Ibidem*, p. 39 - 40.

<sup>64</sup> Cf. *Ibidem*, 1997, p. 15.

<sup>65</sup> Cf. *Ibidem*, p. 14.

<sup>66</sup> LEVINAS apud BUCKS 1997, p. 14.

<sup>67</sup> Cf. BUCKS 1997, p. 14, 39.

<sup>68</sup> Cf. *Ibidem*, p. 14.

<sup>69</sup> Cf. HUTCHENS, 2007, p. 29.

<sup>70</sup> Cf. *Ibidem*, p. 176.

O filósofo Levinas busca defender as tradições de Israel que são interpretadas como simples mitos ou resíduos folclóricos do passado. Na perspectiva levinasiana, não havendo uma real alteridade, a religião de Israel está ameaçada, assim como a própria unicidade do ser humano<sup>71</sup>.

A luta com o anjo é realizada com o objetivo de alcançar a benção pela qual Jacó encontra sua identidade como Israel. Tal qual para Levinas, a identidade é encontrada no compromisso ético com o outro, que nunca se deixa dominar completamente. Israel tem presenciado que o que proporciona identidade, o que concede sentido à existência humana não é a história mundial, mas a intriga ética com o outro, que transcende o curso implacável da história<sup>72</sup>.

## Conclusão

O *Sitz im Leben* da reflexão levinasiana está profundamente relacionado com a inspiração profética advinda da tradição hebraica. Por meio dessa inspiração profética, Emmanuel Levinas estabeleceu um humanismo ético-religioso como base de sua denúncia à tradição filosófica ocidental. Interpelando a noção de ontologia enquanto Filosofia Primeira, Levinas atribuiu à ética o lugar primário da reflexão filosófica.

Levinas, tal como os existencialistas, se opõe às tentativas de se enclausurar a realidade nas amarras totalizantes da razão. Para ele, o genocídio racionalmente realizado e executado na Segunda Guerra Mundial não é produto de uma contingência histórica ou acidente ocidental, mas sim uma consequência clara da racionalidade filosófica e científica totalitária, que reduz o Outro ao Mesmo.

Dessarte, Emmanuel Levinas contribui decisivamente para irrupção de um proficiente caminho ético-epistemológico na sociedade hodierna: a alteridade. Este novo modelo de reflexão sobre a construção do conhecimento e das relações humanas surge como denúncia contra os modelos ético-epistemológicos solipsistas, egoístas e desumanizadores presentes na contemporaneidade.

## Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Bíblia João Ferreira de Almeida. 2.ed. revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BUCKS, René. *A Bíblia e a Ética: A relação entre a filosofia e a Sagrada Escritura na Obra de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 1997.

---

<sup>71</sup> Cf. Ibidem, p. 15.

<sup>72</sup> Cf. BUCKS, 1997, p. 15.

- CAMPOS, Fabiano Vitor de Oliveira. *O redimensionamento ético da questão de Deus em Emmanuel Levinas*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- COELHO, Wandenberg de Oliveira. *A responsabilidade a partir de Emmanuel Levinas: dimensão de concretude para nosso contexto*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.
- COSTA, Márcio Luís. *Levinas: uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FERRÁTER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2001.
- GODOY, Maristela. *A constituição da subjetividade e a ação ética no pensamento de Emmanuel Levinas*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio Sinos, 2004.
- HUTCHENS, B. C. *Compreender Lévinas*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- \_\_\_\_\_. *De Deus que vem à idéia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MELO, Nélio Vieira de. *A Ética da Alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: INSAF, 2003.
- PIVATTO, Pergentino Stefano. A Questão de Deus no pensamento de Levinas. In: OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio. *O Deus dos Filósofos Contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 178-198.
- \_\_\_\_\_. Ética da Alteridade. In: OLIVEIRA, Manfredo. *Correntes Fundamentais da Ética Contemporânea*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 78-97.
- POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: Ensaio e Entrevistas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- RIBEIRO JUNIOR, Nilo. *Sabedoria de Amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Sabedoria da Paz: Ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2008.
- RODRIGUES, Tiegüe Vieira Costa. *A categoria da alteridade: uma análise da obra Totalidade e Infinito, de Emmanuel Levinas*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, 2007.
- SILVA, Márcio Bolda da. *Rosto e Alteridade: pressupostos da ética comunitária*. São Paulo: Paulus, 1995.
- SANTOS, Luciano Costa. *O sujeito é de sangue e carne: A sensibilidade como paradigma ético em Emmanuel Levinas*. Tese (Doutorado em Filosofia). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, 2007.
- SOUZA, João Tadeu Batista de. A Categoria da Alteridade em Emmanuel Levinas. *Symposium*. Recife, n. Especial. p. 25 -33, dezembro 1999.
- \_\_\_\_\_. Emmanuel Levinas: O Homem e a Obra. *Symposium*. Recife, n. especial, p. 45-53, 1999.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Sujeito, Ética e História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

\_\_\_\_\_. Racionalidade ética com fundamento de uma sociedade viável: reflexões sobre suas condições de possibilidade desde a crítica filosófica do fenômeno da "corrupção". *Civitas*. Porto Alegre, v.2, n.2. p. 293-307, dez. 2002.

STACCONE, Giuseppe. *Filosofia da Religião: O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

TAHIM, Demétrius Oliveira. *Rosto e ética no pensamento de Emmanuel Levinas*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, 2008.

VÁZQUEZ MORO, Ulpiano. A teologia interrompida, para uma interpretação de E. Levinas. *Perspectiva Teológica*, n. 14. p. 51-73, 1982.

\_\_\_\_\_. *El discurso sobre Dios em la obra de E. Levinas*. Madri: UPCM, 1982.